



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)
DEPARTAMENTO COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

JOÃO ALFREDO RAMOS DA MOTA SILVA

**A PESSOA LGBTQIAP+ NO CÁRCERE E SUA PERCEPÇÃO DAS NOTÍCIAS
VEICULADAS PELA MÍDIA**

**CAMPINA GRANDE
2022**

JOÃO ALFREDO RAMOS DA MOTA SILVA

**A PESSOA LGBTQIAP+ NO CÁRCERE E SUA PERCEPÇÃO DAS NOTÍCIAS
VEICULADAS PELA MÍDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Mídia e Estudos Culturais.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, Joao Alfredo Ramos da Mota.

A pessoa LGBTQIAP+ no cárcere e sua percepção das notícias veiculadas pela mídia [manuscrito] / Joao Alfredo Ramos da Mota Silva. - 2022.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Cárcere. 2. Jornalismo. 3. Público LGBTQIAP+. I. Título

21. ed. CDD 070.48

JOÃO ALFREDO RAMOS DA MOTA SILVA

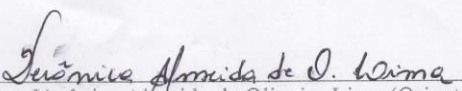
A PESSOA LGBTQIAP+ NO CÁRCERE E SUA PERCEPÇÃO DAS NOTÍCIAS
VEICULADAS PELA MÍDIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Jornalismo da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

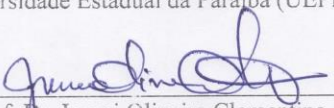
Área de concentração: Mídia e Estudos
Culturais.

Aprovada em: 26/07/2022

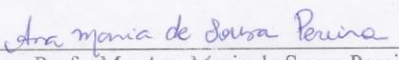
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Jurani Oliveira Clementino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Ana Maria de Sousa Pereira
Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos (CESREI)

“Parece-me claro que não aprendi as coisas mais essenciais com os meus professores da escola, nem mesmo com os meus mestres universitários, mas com a minha mãe, que nada sabia sobre ciência, naquele remoto ano de 1996” (Adaptação da frase do cientista Carl Sagan no livro O Mundo Assombrado Pelos Demônios)

A PESSOA LGBTQIAP+ NO CÁRCERE E SUA PERCEPÇÃO DAS NOTÍCIAS VEICULADAS PELA MÍDIA

THE LGBTQIAP+ PERSON IN PRISON AND THEIR PERCEPTION NEWS PUBLISHED BY THE MEDIA

Autor: SILVA, João Alfredo Ramos da Mota¹.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a percepção que as pessoas LGBTQIAP+, que estão em situação de cárcere, têm em relação às notícias que são veiculadas a elas. O primeiro momento do trabalho traz um levantamento histórico sobre como as notícias relacionadas ao público LGBT no Brasil foram construídas. Na segunda parte, mostra-se como o dinheiro do público LGBT foi determinante para inclusão de suas pautas em jornais de grande circulação no país. Por fim, no terceiro capítulo, é possível perceber que alguns LGBTs que estão em situação de cárcere não conseguem perceber que seus direitos e dignidade são atingidos e muitas vezes se acham até merecedores de tal tratamento pela mídia. Para chegar nessa conclusão, foi realizada entrevistas em profundidade com apenados declaradamente LGBTQIAP+, do Complexo Penitenciário do Serrotão, em Campina Grande, na Paraíba, para entender a percepção dessas pessoas sobre as notícias que são veiculadas sobre esse público na mídia.

Palavras-chave: Cárcere. Jornalismo. Público LGBTQIAP+.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the perception of LGBTQIAP+ people who are in prison situation in relation to the published news related to them. The first part of this work presents a historical survey on how news about LGBT population have been built. In the second part, it is shown that how LGBT population's income has been determining in the inclusion of their agenda in the major newspapers in this country. Finally, in the third chapter, we can note that some of the LGBT people in prison situation cannot realize that their rights and dignity are being violated and they often think they deserve this treatment by the media. To come to this conclusion, in-depth interviews were carried out with convicted people openly LGBTQIAP+, from the Serrotão Penitentiary Complex, to understand the perception of these people about the news related to them spread in media.

Keywords: Prison. Journalism. Public LGBTQIAP+.

¹ Estudante de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba, jornalismo.alfredo@gmail.com

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A NOTÍCIA E O PÚBLICO LGBTQIAP+ NO BRASIL	10
3. A NOTÍCIA E O PÚBLICO LGBTQIAP+ SEM PODER CAPITAL	16
4. A PESSOA LGBTQIAP+ NO CÁRCERE E SUA PERCEPÇÃO DAS NOTÍCIAS VEICULADAS PELA MÍDIA	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICE.....	27

1. INTRODUÇÃO

Por muito tempo no Brasil, pouco se falava sobre o público LGBTQIAP+² em noticiários de grande circulação. Por exemplo, na época da ditadura militar, para que esse público pudesse ter um periódico com suas reivindicações, ou que, ao menos, tivessem como noticiar os crimes que aconteciam com eles, foi necessário criar um jornal independente, em 1978, chamado de *Lampião da Esquina*, em que possuía apenas jornalistas homossexuais. Na época “nós não poderíamos nem escrever as palavras homossexual e lésbica [em jornais de grande circulação], por isso decidimos criar um jornal para que nossas histórias pudessem ser contadas.” (MILANEZ, 2021).

No entanto, com o passar dos anos, as empresas responsáveis por patrocinar os jornais de grande circulação perceberam que o poder de consumo do público LGBT era muito grande e logo começaram a inserir esse público em debates na opinião pública, como uma forma de ganhar o capital LGBT. Porém, mesmo depois de ver esse público como um potencial consumidor, alguns jornais do país continuam disseminando informações sobre as pessoas LGBTs de forma errônea, ou cômica.

Por exemplo, o apresentador Sikêra JR. do programa ‘Alerta Nacional’, da RedeTV! deu declarações homofóbicas, no dia 25 de junho de 2021, em relação aos LGBTs em rede aberta. Na ocasião, o apresentador criticou uma propaganda da empresa *Burger King*, lançada em alusão ao Dia do Orgulho LGBTQIAP+, “Não é normal não, pode ser pra você e seu macho, dentro da sua casa. Se vocês quiserem dar esses seus rabo, dê, mas não leve as crianças não. Raça do cão, tudo maconheiro”, declarou (AUGUSTO, 2021). Nesse cenário, que é apenas mais um entre outros que serão citados neste trabalho, é possível observar que, por mais que as pessoas LGBTs participem do cenário econômico nos jornais, ainda não existe respeito na forma como eles são tratados.

Nesse sentido, partiu-se da seguinte reflexão: se mesmo participando da engrenagem capital, os LGBTs são, algumas vezes, invisibilizados ou agredidos em jornais de grande circulação, o que pensar sobre o público que faz parte da comunidade, mas que não participa da dinâmica econômica, pois estão em situação de cárcere por causa do cometimento de crimes? Para chegar a esta resposta, foi preciso discutir a ética jornalística em relação a veiculação de matérias sobre o público LGBT encarcerado e o impacto negativo que essas notícias trazem para a vida da população LGBT privada de liberdade. Foi preciso investigar, também, como as pessoas que estão em situação de cárcere se sentem em relação às notícias que são veiculadas a elas.

Para atingir nosso objetivo, foram realizadas pesquisas *in loco*, por meio de entrevista em profundidade, com apenas declaradamente LGBTs do Complexo Penitenciário do Serrotão, em Campina Grande, no Agreste da Paraíba, a fim de entender a percepção da pessoa LGBT em situação de cárcere sobre as notícias veiculadas pela mídia.

Na primeira parte desta pesquisa, é discutido como as notícias sobre o público LGBT foram criando espaço nos jornais do Brasil. Na segunda parte, é possível perceber que a falta de capital por parte dos LGBTs que estão em situação de cárcere é responsável por invisibilizá-los na opinião pública, ora por serem LGBTs, ora por estarem em situação de cárcere. Na última parte da pesquisa, a partir do método da História Oral, realizamos levantamento e tratamento com os dados recolhidos *in loco* e, por fim, discutimos, à luz da teoria levantada, criando um panorama sobre essas situações.

² LGBTQIAP+: Sigla que abrange o público de Lésbicas; Gays; Bissexuais; Travestis e Transgênero; Queers ou Questionadores; Intersexo; Assexuais, Arromânticas ou Agênero; Penssexual ou Polissexual. Em alguns momentos deste trabalho, será utilizado a sigla LGBT, pois é uma forma de abreviação aceita pela comunidade.

2. A NOTÍCIA E O PÚBLICO LGBTQIAP+ NO BRASIL

O jornalismo é uma ferramenta que utiliza da comunicação para a disseminação de notícias. Em sua gênese, o jornal³ tem como objetivo ser um mediador da comunidade em embates políticos, econômicos e sociológicos. Porém, as notícias por si só não geram capital para quem as produz, logo se faz necessário a inserção de patrocinadores nas veiculações que são propagadas em veículos noticiosos. Por causa disso, o jornalismo, que precisa ser para o povo, se transforma em um mecanismo de manutenção de poder e de etiquetamento social⁴ por parte de quem o monetiza.

O jornalismo como ferramenta de comunicação, quando atrelado a interesses de um determinado grupo por meio do capital, é capaz de silenciar alguns núcleos sociais que são tidos como minorias, justamente por falta de interesse de quem comanda. Pautas identitárias, como por exemplo, gênero e sexualidade, poucas vezes são ditas como relevantes ou são levadas ao público em geral, causando, muitas vezes, falta de esclarecimento sobre o tema, até para quem faz parte dos grupos minoritários. Desse modo, a comunicação verbal, que é uma ferramenta do jornalismo para chegar a mais pessoas, é utilizada como uma forma de acentuar preconceitos ou reforçar poderes políticos já existentes, pois os donos dos conglomerados de mídias entenderam que a forma como as informações são passadas, ou ditas, podem interferir, benéficamente ou não, na vida das pessoas.

A comunicação verbal tem o poder de gerar conflitos, ao mesmo tempo que resolvê-los. Diferente das outras formas de comunicação, a comunicação verbal, quando disseminada por um grande veículo de imprensa através da fala de um repórter em um telejornal, por exemplo, chega a milhares de pessoas de uma vez só, e o que for dito por esse profissional, vai ser, muitas vezes, entendido como verdade absoluta, principalmente para as pessoas que só têm o jornal como forma de conhecimento do mundo. “A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder” (BAKHTIN, 2006, p.7).

O problema não está em informar muitas pessoas ao mesmo tempo através da comunicação verbal, as questões são: como essa comunicação está sendo feita? E qual é o compromisso com a realidade dos fatos que o jornalismo tem? As resoluções desses questionamentos se fazem importantes, pois se feito de forma irresponsável, um jornal para de informar e começa a desinformar. Logo, entende-se que o jornalismo, como ferramenta para construção e disseminação da realidade, por si só, não é o suficiente para levar o recorte do real para as pessoas, pois a forma que um jornal é conduzido pode representar vontades particulares e interesses da maioria e de poderes dominantes. Isso faz o jornalismo deixar de ser entendido como um meio de informação.

Um meio de comunicação é um meio de informação. No Brasil, a tônica é outra e as exceções são pouquíssimas: os meios de comunicação acabam sendo meios de deformação. De incomunicação. [...] O problema, então, é o uso que se dá ao veículo, a maneira pela qual ele é conduzido. (NEPOMUCENO, 1991, p. 208)

Quando olhamos para o Brasil, levando em consideração o panorama da informação

³ Jornal: Essa expressão é utilizada neste trabalho para se referir a periódicos informativos, em televisão, rádios, jornais impressos ou web jornais.

⁴ Etiquetamento social: é uma teoria do Direito que, basicamente, prevê que as próprias instituições de controle social estigmatizavam os indivíduos, colocando-os perante a sociedade como criminosos.

como uma forma de interesse capital, podemos notar a deficiência de espaço público para algumas pautas identitárias, a exemplo da luta dos LGBTQIAP+ que, desde a ditadura militar, não têm espaço em manchetes de jornais de grande circulação. A falta de um lugar para disseminação para os crimes que aconteciam com os LGBTs movimentou um grupo de ativistas homossexuais da época a criarem um periódico chamado “Lampião da Esquina”, no ano de 1978, que tinham como objetivo informar a população sobre as agressões que eles sofreram pelos militares na época da ditadura, por entenderem que se não o fizessem de forma independente, as suas histórias não seriam lembradas e nem contadas.

O jornal Lampião da Esquina surgiu através desse plano de fundo, por meio da necessidade de contar como realmente eram as vivências LGBTs. A ideia foi do ativista João Antônio Mascarenhas, que quis criar um periódico apenas com jornalistas declaradamente homossexuais. Pois, em alguns jornais da época da ditadura militar, nem as palavras “lésbicas”, ou “homossexuais” podiam ser escritas.

Por exemplo, no jornal Folha de São Paulo, quando escreviam a palavra lesbica, riscavam e colocavam a palavra 'feminista'. Eu sei disso porque um amigo meu cortava [o jornal] exatamente nessas condições'. A única forma que você poderia falar comprovando a existência de homossexuais neste país era por meio de um jornal chamado de Notícias Populares que traziam manchetes extremamente sensacionalistas, com uma visão sempre muito negativa sobre homossexuais. (MILANEZ, 2021)

Em um documentário chamado de 'Lampião da Esquina - Agnus Guei do Labedisco' realizado sob a coordenação de Nilton Milanez, desenvolvido no quadro das atividades do Labedisco/CNPq, que conta a história de como o periódico foi criado, mostra o momento quando uma repórter do jornal foi até a rua, em 1980, perguntar se as pessoas já ouviram casos de violência contra homossexuais em jornais, e as respostas foram "sim". Porém, quando a jornalista questiona, "mas o que você acha sobre isso", as respostas foram: "precisa acabar mesmo [a homossexualidade], prendendo, ou matando", "eu acho que nem deveria existir homossexuais". Em outro momento da entrevista, quando a repórter pergunta "você acha que deveriam matar travestis", a resposta foi "se a lei permitir, eu acho que é uma boa".

O jornalista Celso Curi, que participava do Lampião da Esquina, informou, em entrevista no mesmo documentário, que após escrever uma publicação falando sobre homossexuais de forma mais "suave", em uma coluna no jornal Última Hora, de São Paulo, ele recebeu uma carta escrita com sangue, dizendo que iriam matá-lo. "Eles falaram que iram me matar, que eu era uma aberração... Eles queriam que eu desaparecesse. Eles falaram que o que eu escrevi era um atentado a moral", disse. (MILANEZ, 2021)

A cartunista Laerte Coutinho, mulher transexual, informou, em entrevista ao documentário, que trabalhou em um jornal da época da ditadura militar que se chamava Pasquim, e, segundo ela, por mais que esse jornal falasse sobre o público LGBT, eles sempre eram tratados de forma LGBTfóbica, "eu frequentemente retratava e reproduzia situações onde apareciam gays da mesma forma que eu aprendi, como era o gay [através do jornal] Pasquim, como eu aprendi que era visto o gay na imprensa, de forma depreciativa", contou. (MILANEZ, 2021). Ela disse, ainda, que a única forma de saber como realmente era a vivência do público LGBT era através da imprensa alternativa da época.

Pela falta de patrocínio e interesse da opinião pública, o jornal Lampião da Esquina não conseguiu continuar e finalizou as atividades no ano de 1981. No entanto, é possível observar que o periódico surgiu como uma forma de mostrar uma realidade que existia, mas que não era contada. Neste sentido, é possível apontar mais uma falha conceitual na forma que a construção da notícia é feita, levando em consideração que o jornalismo é um mecanismo utilizado como representação da realidade e, junto com a notícia, tem como fator determinante o apontamento de questões que são relevantes para a sociedade a fim de

ampliar as discussões em relação às pautas propostas e suas particularidades. O problema é que se entende que as matérias veiculadas nas mídias de massa são um recorte da realidade. Como explica o jornalista e professor Nelson Traquina:

O principal produto do jornalismo contemporâneo, a notícia, não é ficção, isto é, os acontecimentos ou personagens das notícias não são invenção do jornalista. A transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão do jornalista, merece violenta condenação da comunidade e quase o fim de qualquer promissora carreira de jornalista. (TRAQUINA, 2005, p. 20).

Logo, subentende-se que tudo que fuja da realidade na performance e promoção da notícia não é uma ação jornalística. No entanto, as engrenagens do capitalismo corroboram no momento da escolha das pautas que devem ser avaliadas pelo público que, por sua vez, escolhe como essas produções devem ser disseminadas. Os donos dos veículos de informação recomendam as suas vontades e o público diz, de forma implícita, como gosta de receber esses conteúdos. As linhas editoriais dos jornais, na maioria das vezes, funcionam de forma sutil, porém suficiente para invisibilizar pessoas tidas como minorias. Desse modo, movimentos sociais, como o das pessoas LGBTQs, que precisam de visibilidade para engajar suas lutas, mas que não possuem capital, dificilmente terão suas reivindicações acatadas e quando esse público é ouvido, correm o risco de não serem representados de forma coerente com a sua realidade:

Os movimentos sociais com poucos recursos têm dificuldades em ver os seus acontecimentos transformados em notícias. Se pretendem jogar no tabuleiro do xadrez jornalístico, precisam ajustar o seu modo de interação organizacional aos modos das organizações estabelecidas. (TRAQUINA, 2005, p. 198).

Como públicos invisibilizados, a exemplo dos LGBTQs, poderão jogar no “xadrez jornalístico”, citado por Nelson Traquina, se não possuem recursos para se projetarem nas discussões sobre o seu próprio público, devido a sua realidade atual? Não seria da responsabilidade social do jornalista procurar as pessoas que precisam de espaço na opinião pública, a fim de trazer protagonismo para esse público?

Mesmo limitado e constringido, o poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento das suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também por parte dos donos das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria. (TRAQUINA, 2005, p. 207-208).

No livro “Devassos no Paraíso - A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, o ativista dos direitos humanos João Silvério Trevisan já denunciava como o público LGBTQ historicamente foi surgindo na mídia por meio de estereótipos e nunca como personagens principais de um roteiro em telenovelas, por exemplo, e que mesmo de forma estigmatizada essa inclusão dos homossexuais só foi possível pela consciência do poder capital da comunidade. Ou seja, não foi uma escolha de cunho social, mas sim uma forma de ganhar mais dinheiro alcançando um público que consome o conteúdo disseminado.

A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais. (TREVISAN, 2018, p. 22).

No programa de televisão “Alô Amazonas” quando o âncora⁵ do jornal foi chamar

⁵ Âncora: no jornalismo, o âncora é a pessoa responsável pela apresentação de um jornal, um apresentador.

uma matéria em que um jovem de dezenove anos foi detido acusado de tentar entrar em um presídio com um celular no ânus, foi usada para trilha sonora da cabeça⁶ do videotape⁷ a música “Homem Com H”, interpretada por Ney Matogrosso, como uma forma de ilustrar a orientação sexual do rapaz, de forma cômica. Na hora da entrevista, o repórter fez perguntas sexualizadas do tipo: “você disse que fazia três meses que estava treinando [o método de entrar no presídio com o celular], como era o treinamento?”, questiona. A palavra possui poder de transformação, ao mesmo tempo que, por conta disso, se faz necessário pensar além do seu contexto plástico e estético, até quando utilizada de forma pejorativa. Logo, as perguntas feitas em uma reportagem podem ser uma forma de identificar a linha editorial de um jornal e qual é o serviço que este está prestando para as pessoas.

Se o caráter [da palavra], em todas as suas variantes, é essencialmente plástico - acima de tudo plástico, no caso do caráter clássico, o tipo, por sua vez, é pitoresco. Se o caráter estabelece uma relação com os valores últimos de uma visão do mundo e se vincula diretamente com esses valores últimos, expressa o escopo ético-cognitivo do homem no mundo. (BAKHTIN, 1997, p.196).

Se as palavras utilizadas em uma entrevista, como no exemplo do programa de televisão “Alô Amazonas”, possuem apenas um caráter plástico, a razão de dizê-las perde as suas variantes, torna-se essencialmente denotativa e taxativa. Quando o repórter questiona o método como a pessoa introduziu o celular no ânus, ele ilustra a sexualidade do rapaz como algo cômico, ou o marginaliza pela orientação sexual, como se “tamanho proeza” só fosse possível pela homossexualidade. Não existem variantes discursivas, ou reflexivas nas palavras do entrevistador e, ligeiramente, o foco da entrevista não é mais o crime cometido, mas sim como um homossexual consegue introduzir objetos no ânus.

Esse tipo de entrevista influencia diretamente na forma como a sociedade enxerga o público LGBT no cárcere ou que está em momento de apreensão policial, “assim, o jornalismo e os jornalistas podem influenciar não só sobre o que pensar mas também como pensar”, (TRAQUINA, 2005, p.203). Ou seja, o poder que o jornalismo tem de dar voz às pessoas invisibilizadas, também pode ajudar na acentuação de um preconceito já existente na sociedade.

No entanto, a omissão dessas pautas identitárias também pode ser vista como uma falha conceitual do jornalismo, levando em consideração que quando pessoas LGBTs não são mostradas e nem noticiadas por meio de um recorte fiel a realidade, cria-se uma quimera do que poderia ser a pessoa LGBT. Essa falta de esclarecimento é prejudicial tanto para quem recebe as informações geradas pelos veículos de comunicação, mas que não é do grupo LGBT, tanto para quem é da sociedade e faz parte do grupo. Pois, quando você mostra um aspecto da sociedade, mas não o esclarece de forma coesa, isso é uma forma de interdição:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde eles exercem, de modo privilegiado, alguns de

⁶ Cabeça: no jornalismo, a cabeça é o texto lido pelo apresentador de um jornal no momento da apresentação.

⁷ Videotape (VT): no jornalismo, o videotape é um material audiovisual preparado para ser exibido em um telejornal.

seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1996, p. 10-11)

A sociedade, de certa forma, fica interdita da realidade, quando os recortes desta são feitos por ópticas segregativas. O campo da sexualidade, principalmente em relação ao público LGBT, sempre esteve no buraco negro citado por Foucault, justamente por causa do ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala, do jornalista que se omite em mostrar a realidade como ela é, das linhas editoriais dos veículos de comunicação que se negam a falar sobre o público LGBT, ou dos comunicadores que não mostram as vivências reais deste público. A omissão, também, é uma forma de posicionamento, principalmente diante de um veículo de comunicação, que tem como uma das principais ferramentas o uso da fala, ou da comunicação verbal.

Na comunicação, não existe discurso neutro, por isso quando se fala sobre uma minoria de forma que não a represente em sua realidade, para além da exclusão existe o acréscimo da distorção. Esse fenômeno se torna mais agravante quando as pessoas que fazem parte das minorias interditas precisam dos veículos de comunicação para se informar, até mesmo sobre quem são. “Existe em muita gente, penso eu, um semelhante de não ter de começar, o desejo de se encontrar, logo de entrada do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter sido de terrível, talvez de maléfico”, (FOUCAULT, 1996, p. 6). Elas passam a se entender pela visão do outro, dessa forma, não conseguem se enxergar como são.

Quando as pautas identitárias passam pela barreira da interdição, por exemplo, chegam com a configuração da distorção. Nesse caso, a parcela da sociedade, que antes não conhecia determinado público, passa a conhecer de forma que não condiz com a realidade e, quando se fala em sociedade, o público LGBT também faz parte dela. Logo, muitos LGBTs que têm o jornalismo como principal fonte de informação passam a se conhecer de forma errada, ou tentam se encaixar dentro da realidade que é proposta para eles. Muitos passam a acreditar que orientação sexual, ou identidade de gênero, é uma condenação, ou que se não foram cômicos, como mostrados nos jornais, não são LGBT o suficiente.

3. A NOTÍCIA E O PÚBLICO LGBTQIAP+ SEM PODER CAPITAL

Como podemos perceber, por meio das pesquisas realizadas para este trabalho, as representações LGBTs em telejornais são divididas entre estereótipos cômicos e violência. É como se nascer e se declarar LGBT fosse uma sentença de etiquetamento social com uma carga negativa que coloca esse público sempre à margem das opiniões terceirizadas da institucionalidade político-empresarial.

A introdução respeitosa dos LGBTs nos noticiários só foi possível depois que as empresas de comunicação notaram a importância do capital homossexual na economia. Ou seja, houve a capitalização do homoerotismo, logo a inserção não foi por reivindicação popular, mas por conveniência corporativa. “Tais constatações se distanciavam da crença, veiculada por parte da mídia ansiosa em detectar novas tendências, de que o consumismo do chamado *pink money*⁸ resgatará de um modo definitivo os homossexuais para a sociedade capitalista”. (TREVISAN 2018, p.21).

O reconhecimento do capital LGBT por parte não somente da grande mídia, mas também, por empresas que patrocinam noticiário pôde ser observado quando o apresentador Sikêra JR. do programa *policialesco*⁹ chamado de ‘Alerta Nacional’, da RedeTV! deu declarações homofóbicas, no dia 25 de junho de 2021, em relação aos LGBTs. Na ocasião, o apresentador criticou uma propaganda da empresa *Burger King*, lançada em alusão ao Dia do

⁸ Pink Money: expressão em inglês que significa ‘dinheiro rosa’, utilizada para caracterizar a economia que é gerada pelo público LGBT.

⁹ Programas policialescos: programas jornalísticos voltados para disseminação de notícias policiais.

Orgulho LGBTQIAP+, que mostrava crianças falando sobre como elas entendiam as diferenças das pessoas e que não enxergavam LGBTs de forma diferente. Ao saber do comercial, Sikêra JR. falou ao vivo no programa que os LGBTs eram “uma raça desgraçada”. “A gente precisa ficar calado, engolindo, engolindo essa raça desgraçada. Nojo de vocês, nojo. Vocês não reproduzem. Vocês são nojentos. Não é normal não, pode ser pra você e seu macho, dentro da sua casa. Se vocês quiserem dar esses seus rabo, dê, mas não leve as crianças não. Raça do cão, tudo maconheiro”, declarou (AUGUSTO, 2021).

Segundo uma matéria publicada pelo jornal ‘Brasil de Fato’¹⁰, em 29 de Junho de 2021, no Rio de Janeiro, após as declarações LGBTfóbicas, a RedeTV! emissora a qual o apresentador era vinculado, perdeu vários patrocinadores, ao exemplo da MRV, Ford, Novo Mundo e Hapvida. Para além da perda dos patrocínios, as empresas Nívea, Tim e Magazine Luiza informaram que bloquearam o canal do apresentador no YouTube para que suas propagandas não apareçam no programa da RedeTV!.

Observando esse recorte da perda dos patrocinadores do programa por causa das declarações LGBTfóbicas do apresentador Sikêra JR., podemos perceber que os veículos de comunicação passaram a “entender” a importância do público LGBT por causa da perda do capital, por causa da monetização. Mais uma vez reforçando que as pautas que estão em evidência são ditadas por quem paga a conta e não por uma responsabilidade social do jornalismo. No entanto, se existem, ainda, programas que disseminam informações errôneas e falas preconceituosas sobre LGBTs, mesmo sabendo que esse público ajuda na engrenagem da economia por meio do seu capital, o que podemos pensar sobre a comunidade LGBT que vive privada de liberdade, por conta do cometimento de crimes, que não participam ativamente e positivamente dessa dinâmica? Como esse público se sente em relação às notícias que são veiculadas sobre eles?

4. A PESSOA LGBTQIAP+ NO CÁRCERE E SUA PERCEPÇÃO DAS NOTÍCIAS VEICULADAS PELA MÍDIA

A fim de tentar elucidar as questões que foram levantadas no capítulo anterior, sobre como os LGBTs que estão em situação de cárcere por causa do cometimento de crimes lidam com as notícias que são veiculadas na mídia de massa sobre eles, foram realizadas entrevistas *in loco*, no dia 11 de maio de 2021, com apenas declaradamente LGBTQIAP+ do Complexo Penitenciário do Serrotão, localizado na cidade de Campina Grande, Agreste da Paraíba. Na ocasião, foram entrevistados quatro reeducandos, sendo um homem cisgênero homossexual, de 36 anos, chamado de Kell e três mulheres transexuais heterossexuais, Dominique, de 31 anos, Eduarda, de 27 anos, e Luna, de 40 anos. Todos declaradamente negros e pardos.

Os reeducandos foram indagados por meio do método de entrevista em profundidade, pois esse recurso é uma forma de criar um panorama através da visão do outro, “é possível, por exemplo, entender como os produtos de comunicação estão sendo percebidos” (BARROS, 2005, p.62).

[esse tipo de entrevista tem como foco] Explorar o assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem

¹⁰ Matéria disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/29/apresentador-perde-patrocinadores-apos-discurso-homofobico-em-programa-de-tv>

está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. (BARROS, 2005, p.62).

A entrevista em profundidade viabilizou a construção de uma narrativa por meio de histórias, visto que esta funciona como uma ferramenta de extração do profundo. Levando em consideração que essa pesquisa não tem caráter quantitativo, foi utilizado um método que permita edificar cenários intermediados pelas respostas dos entrevistados e chegar até o problema através das resoluções apontadas pelos personagens.

A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. Não busca, por exemplo, saber quantas ou qual a proporção de pessoas que identifica determinado atributo na empresa "A". Objetiva-se saber como ela é percebida pelo conjunto de entrevistados. Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema. (BARROS, 2005, p.63).

Foi criado um roteiro¹¹ com perguntas sobre o tema abordado, porém, levando em consideração o contexto que existe *in loco*. Alguns questionamentos, também, foram reformulados, “o roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferência entre elas ou redundância” (BARROS, 2005, p.63). Para chegar em respostas mais elaboradas dos entrevistados, foi utilizada a entrevista semi-aberta, para que, quando necessário, houvesse interpelações.

A lista de questões desse modelo [semi-aberto] tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta de forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista. (BARROS, 2005, p.66).

Depois de recolher as informações sobre os reeducandos por meio de entrevistas em profundidade aplicadas com roteiro semi-aberto para a construção da narrativa do trabalho, foi utilizado o método de história oral “como está implícito no próprio termo, a história oral é uma forma específica de discurso: história evoca uma narrativa do passado; oral indica um meio de expressão” (PORTELLI, 2001, p.10). Essa ferramenta de composição informacional permite esboçar a realidade sobre uma comunidade, tendo como o ponto central das explicações o discurso de quem vivencia o dia a dia da história enquadrada.

[a história oral] É um recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Um conjunto de procedimentos que têm como ponto de partida um projeto, e que têm como definição pessoas a serem entrevistadas. Tais entrevistas são gravadas, transcritas, conferidas e com autorização para serem usadas. É uma história que propicia diferentes diálogos, bem como possibilita compreender a constituição de classes sociais e a tradição de gerações, contada a partir de uma multiplicidade de pontos de vistas e vivências. (SANTOS, 2007, p.197)

Esta pesquisa teve como foco a realidade do outro para construção de uma narrativa. Por isso, se fez necessário a aplicação de métodos de proximidade a fim de trazer a vivência dos entrevistados à tona, que neste caso, são quatro LGBTs que estão em situação de cárcere e que vieram de famílias pobres. Por exemplo, Dominique e Eduarda informaram que entraram na prostituição por incentivo dos pais, desde a adolescência, por falta de dinheiro.

¹¹ O roteiro com as perguntas estão disponíveis no Apêndice A deste trabalho

Luna, antes do cárcere, trabalhava em serviços gerais e Kell era cabeleireiro. Logo, percebemos que essas pessoas não têm como jogar no “xadrez jornalístico” que Nelson Traquina fala no primeiro capítulo deste trabalho.

Para os quatro entrevistados, antes do cárcere, não houve um autoquestionamento sobre o que seriam as questões de gênero, como por exemplo: orientação sexual, identidade de gênero e gênero biológico. Os quatro aprenderam, segundo eles, também nos jornais, que “*gay é tudo a mesma coisa*”, disse Luna. Para essas pessoas, a inserção de letras dentro da sigla L-G-B-T-Q-I-A-P-+ é uma mera forma de dar nome a novos tipos de gays diferentes. Foi privado, pela falta de informação, a pluralidade de suas semióticas, dos seus sentidos e de quem se é.

Utilizando mais uma vez a citação de Foucault (1996, p. 6), exposta no primeiro capítulo deste trabalho, “existe em muita gente, penso eu, um semelhante de não ter de começar, o desejo de se encontrar, logo de entrada do outro lado do discurso”. Existe sim, muitas pessoas que possuem o direito de se conhecer, mas não mais pelo discurso raivoso e tendencioso do outro. Essas pessoas possuem o direito de encontrar na mídia um lugar amplo e seguro para descobrirem quem são, não por interesse capital, mas por fazerem, também, parte da sociedade.

Após a preparação que antecede a pesquisa *in loco*, houve a equivocada percepção que, ao chegar nos entrevistados, todos estariam cientes das suas sexualidades e identidades. Houve uma pressuposição de que ser LGBT significava, implicitamente, ser uma pessoa politizada e com conhecimento das agressões que o mundo os proporciona. Porém, em cada entrevista, essas pressuposições foram sendo desfeitas, pois foi percebido que as entrevistadas, algumas vezes, ao menos sabiam que não deveriam ser tratadas de forma vexatória na mídia. Ser um personagem cômico em uma matéria de jornal para Luna, por exemplo, era algo normal e que não era visto como um problema, até então.

Essa invisibilidade que os quatro entrevistados passam já é tratado por eles como via de regra. Os pais de Kell, Dominique, Eduarda e Luna os tratavam com indiferença quando perceberam que eles eram LGBTs, os companheiros amorosos delas, também, as abandonaram depois do cárcere e a sociedade, de certa forma, as abandonou quando as marginalizam nos jornais.

Quando notado que as perguntas do roteiro não eram o suficiente, foi preciso ir explicando de forma sutil para os entrevistados algumas questões sobre gênero, por exemplo: foi ensinado para Dominique que ela era heterossexual, por que ela é uma mulher trans que gosta de homens e que mulheres que gostam de homens são héteros. Foi falado para Luna que os homens que ela se relacionava não eram gays, pois ela é uma mulher. Depois dessas associações e entendimento, a segunda parte do roteiro, que tenta entender a percepção dessas pessoas em relação às notícias que são veiculadas sobre elas, foi colocada em prática.

Quando questionados sobre se já haviam visto, ou ouvido, relatos sobre apreensões policiais de LGBTs em jornais, como por exemplo: telejornais, radiojornais, ou portais na internet, todas as respostas foram “sim”. Porém, foi notório que nas quatro entrevistas existem percepções diferentes das abordagens feitas pelos jornais. Por exemplo, quando questionado sobre como ele enxergava as apreensões policiais que eram noticiadas de forma cômica, Kell responsabilizou os LGBTs por não saberem se portar na sociedade. Porém, em outro momento da entrevista, Kell disse que no momento de noticiar abordagens policiais, por exemplo, o que deve ser considerado é o crime, e não a orientação sexual, ou identidade de gênero, do indivíduo:

Teve um caso de uma travesti, de João Pessoa, que eu vi eles [jornais] fazendo muita chacota com ela, por ela ser travesti. Eu achei a situação um pouco exagerada, mas eu acho que a travesti se esculhambou. Ela estava exaltada. Mas [contudo] ainda acho que o que deveria ser abordado na hora era o crime que ela

cometeu e não ter generalizado a transexualidade dela. Kell. [maio. 2021]. Entrevistador: João Alfredo Ramos da Mota Silva. Campina Grande, 2021. Entrevista concedida para este trabalho.

No exemplo citado por Kell, é possível observar que houve a justificativa da abordagem cômica, feita pelos jornalistas, por causa da animosidade da pessoa que estava sendo apreendida. Mas, será que realmente essa alegação é o suficiente para explicar as abordagens que são feitas em relação às pessoas LGBTs que estão em situação de apreensão policial? A entrevistada Dominique, mulher transexual, diz não concordar com a forma que elas são tratadas pela mídia nos momentos da apreensão da polícia. Ela informou ainda que acredita que além da transfobia existente na fala dos repórteres, ainda tem o agravante da falta de preparo desses profissionais. *“Eu fico revoltada. [...] Eu acho que isso é uma falta de preparo, precisa ter mais preparo. Eu sei que a gente errou, mas quem são eles para (sic) tarem julgando”*, questionou.

Mesmo que de forma muito sutil, algumas das entrevistadas entendiam que existe um problema na forma que as pessoas LGBTs são tratadas em algumas matérias policiais, no momento da apreensão. Mas, não conseguiram identificar de imediato se o problema era dos jornalistas, ou das pessoas que estavam sendo abordadas. Por exemplo, a entrevistada Luna, quando questionada sobre se ela já havia visto alguma matéria jornalística em que uma pessoa LGBT teria sido tratado com indiferença, por causa da orientação, ou identidade de gênero, ela respondeu que não *“se eu falar que vi, eu tô mentindo”* informou. Porém, ao questionamento *“mas você acha que uma pessoa LGBT é tratada da mesma forma que uma pessoa heterossexual, por uma equipe de jornalismo, em um momento de apreensão policial?”*, ela respondeu: *“eu acho que não”*, constatou.

Esse padrão se repetiu na última entrevista, com Eduarda, quando questionada se ela já tinha visto alguma matéria jornalística em que uma pessoa LGBT tenha sido tratado com indiferença por causa da orientação sexual, ou identidade de gênero, ela disse que não. Mas quando indagada sobre como ela vê a diferença de tratamento, por parte da imprensa, em relação aos heterossexuais em um momento de apreensão da polícia, ela disse:

“Eu tenho o exemplo de uma amiga minha, de João Pessoa. Ela fazia programa e o cara não pagou. Eles brigaram e foram para delegacia, os policiais trataram ela mal e a equipe de jornalismo que tava na hora nem ligaram pra isso. (...) A equipe do jornalismo, os repórteres, os fotógrafos, deveria querer saber sim, o porque ela foi xingada, porque ela foi agredida verbalmente com aquelas palavras. Saber o motivo também o porque aquele rapaz não pagou a ela.” Eduarda. [maio. 2021]. Entrevistador: João Alfredo Ramos da Mota Silva. Campina Grande, 2021. Entrevista concedida para este trabalho.

No exemplo citado por Eduarda, é possível observar que existia uma equipe de jornalismo no local onde as pessoas haviam sido levadas, após o episódio de supostas agressões. Porém, segundo Eduarda, o relato da mulher transexual não foi levado em consideração, pois ouviu palavras vexatórias por parte dos policiais. Os jornalistas que estavam na delegacia não a ouviram como deveriam, ou não procuraram saber o que a levou a ser agredida verbalmente pelos agentes.

Quando as primeiras perguntas foram feitas, nas quatro entrevistas, houve um estranhamento em relação ao assunto, por parte dos personagens. Todos os entrevistados não entenderam, de imediato, sobre o que se tratava o trabalho. Foi preciso ir afunilando as perguntas e ir dando exemplos de maus tratos que aconteciam em algumas matérias policiais, em relação ao público LGBT que estavam em momento de apreensão policial. Pois, era perceptível, que algumas delas não entendiam aquelas cenas como agressões, ou achavam que quando os LGBTs são tratados de forma cômica ou vexatória em noticiários, a culpa é deles.

Na ocasião, também é verdade, que todos os entrevistados conseguiam perceber que pessoas heterossexuais eram tratadas de forma diferente pela mídia. Ao longo das entrevistas, quando os personagens conseguiram compreender sobre o que se tratava o trabalho, algumas falas surgiram como reivindicações, como por exemplo, a última pergunta para todos foi “mas o que você acha que deve mudar, na visão do jornalismo, em relação às pessoas LGBTs que estão em situação de cárcere?”, as respostas foram: “*a equipe de jornalismo deveria querer saber a verdade*”, Luna: “*acho que deveria ter mais capacitação*”, Dominique; “*acho que eles poderiam abordar os LGBTs de forma mais humana*”, Kell; e “*gostaria de ser tratada como a lei manda*”, Luna.

Através das entrevistas, foi possível compreender qual a consequência da acentuação de estereótipos nas notícias veiculadas em telejornais, programas de rádio ou portais na internet, em relação ao público LGBT que sofre por não participar ativamente da engrenagem capital. Muitos dos LGBTs se sentem culpados por serem colocados em situações vexatórias e tomam isso como normal, ou real. Justamente por ter o jornalismo como principal fonte de conhecimento do mundo. Esse impacto se torna mais danoso quando as pessoas que estão inseridas nesse cenário não conseguem identificar as agressões que sofrem, ou como são, por muitas vezes, marginalizadas nos jornais.

Nessa perspectiva, foi possível analisar, também, a ética jornalística em relação a veiculação de matérias sobre o público LGBT encarcerado e o impacto que essas matérias trazem para a vida da população privada de liberdade. Por exemplo, na entrevista com Dominique, ela sabia que era uma mulher transexual, mas não conseguia diferenciar a sua identidade de gênero da sua orientação sexual, mas quando questionada qual era a forma que ela usava para se atualizar sobre os assuntos cotidianos, ela respondeu que eram os jornais.

Nesse ponto, mais uma vez, é possível perceber o quanto a ferramenta que é utilizada pelo interlocutor para aprender sobre o mundo pode também o fazer não se entender, pois não existe demanda para tais particularidades. Desse modo, as pessoas LGBTs que estão privadas de liberdade por causa do cometimento de crimes seguem sendo invisibilizadas e sem saber que sofrem e passam por agressões por parte de uma mídia ociosa que visa, tão somente, o capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se iniciou através da dúvida sobre como o público LGBTIAP+ era tratado em veículos de comunicação no geral, após a disseminação de discursos de ódio, em rede nacional, a exemplo das falas de Sikêra JR. citadas no segundo capítulo deste trabalho, em relação à comunidade, e a repercussão que essas falas causam. A curiosidade foi aguçada depois de perceber que o público LGBT conseguiu, por meio do capital, mais espaço na opinião pública e nem com isso conseguiu um respeito na sua totalidade. Logo, criou-se o questionamento: como os LGBTs que não participam dessa engrenagem capital e são duplamente invisibilizados, ora por serem da comunidade, ora por terem cometido crimes, lidam com as informações que são veiculadas em relação a eles? Qual o impacto negativo desses discursos? Qual a responsabilidade do jornalismo em relação a essa causa?

Nesse aspecto, foi necessário procurar entender como as notícias eram veiculadas em relação aos LGBTs, no recorte do Brasil, ao longo da história, a fim de mostrar como a inserção desse público na opinião pública ainda é algo recente. Depois, demonstrar como o reconhecimento do capital LGBT foi o responsável pela trazida desse público para as mídias. Por fim, compreender que se existem pessoas que permanecem sendo invisibilizadas mesmo fazendo parte da engrenagem capital, imagina quem não consegue estar ativamente envolvido nessa dinâmica?

As entrevistas realizadas para esta pesquisa foram primordiais para chegar ao nosso

objetivo, pois foi preciso falar com as pessoas que estão marginalizadas por causa dessa dinâmica, para saber como elas lidam com essas agressões. A hipótese era de que o público LGBT que estava privado de liberdade entendesse as agressões que sofriam e que existia um sentimento de reivindicação. Mas, neste sentido, a conclusão foi outra: muitos dos LGBTs que foram agredidos ou presenciaram tais agressões sequer sabem que elas existem.

O problema está longe de ser resolvido, pois muitos não sabem que existe o problema, ou se sabem não se importam. Para a construção desta pesquisa foi notório a falta de material literário e de pesquisas científicas que falassem sobre o tema, ou quando se encontrava algo relacionado a gênero, o assunto era mais sobre o cárcere do que como as pessoas que estavam nele se sentiam. Para a realização da pesquisa *in loco*, também, foi perceptível dificuldade, levando em consideração que as personagens faziam parte de uma ala LGBT do Complexo Penitenciário do Serrotão que, paradoxalmente, só abrigava mulheres transexuais. A justificativa do presídio foi: “*não colocamos homens homossexuais aqui pois não temos como comprovar que eles são realmente homossexuais*”, disse o diretor. Foi possível entrevistar o homem cisgênero homossexual Kell, pois ele não convive com os outros presos no pavilhão convencional pelo bom comportamento dele.

Essa pesquisa é importante para denunciar a forma como os LGBTs são tratados em matérias policiais, principalmente aqueles que estão em momento de apreensão policial. Esse trabalho é uma forma de trazer a voz dessas pessoas à superfície, ou mesmo de criar um registro científico desse problema. A realização desse material poderia ter sido mais fácil se houvesse a construção da notícia por meio da realidade dessas pessoas, e que elas pudessem entender mais de si, através dos veículos noticiosos. Ora, como eu posso questionar o que eu não sei? Como eu posso saber quem eu sou se fui ensinado da forma errada?

Para quem por um acaso se interessar em escrever sobre o assunto, é recomendável procurar por personagens que possam ser entrevistados presencialmente, olhar no olho e entender a dor das outras pessoas, pois existe pouca literatura sobre o assunto e, quando tem, esse público é retratado de forma não coerente com a sua realidade.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Carlos. **Ódio de Sikêra Júnior à comunidade LGBTQIA+ é alimentado com dinheiro do Governo Bolsonaro**. YouTube, 28 de jun. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mAZWz1pDC7M>>. Acesso em: 03 de março de 2022

BARROS, Edmar. **CELULAR, CARREGADOR E FONE NO ÂNUS! "TOBÃO" DISSE QUE AFROXOU!**. YouTube, 27 de dez. de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hQLZ4K3WxvY&t=2s>>. Acesso em: 08 de abril de 2021

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: Livraria Marfins, 1997

BARROS, José. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 1.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2005

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Leituras Filosóficas, 1996

MILANEZ, Niltons. **Lampião da Esquina - Agnus Guei do Labeledisco**. YouTube, 27 de jul. de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZsyTMvs6S8I&t=593s>>. Acesso em: 12 de junho de 2022

NEPOMUCENO, Eric. et al. **Rede Imaginária: Televisão e Democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral Como Gênero**. São Paulo, 2001.

SANTOS, Sônia. História Oral: Vozes, Narrativas e Textos. **Caderno de História da Educação**, n.6, e191-201, Set. 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/282/289>. Acesso em: 23 mar. 2021

Sem autor. **SIKÊRA perde patrocinadores após discurso homofóbico em programa de TV**. Brasil de Fato, Rio de Janeiro. 29 de Junho de 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/29/apresentador-perde-patrocinadores-apos-discurso-homofobico-em-programa-de-tv>>. Acesso em: 03 de março de 2022

SINÉSIO, Valéria. **Presídios da Paraíba reservam alas para detentos homossexuais, As celas foram implantadas após denúncias de homofobia e abuso sexual. Espaços funcionam no Roger, Complexo PB1 e PB2 e Serrotão**. In: G1 Paraíba. **G1 Paraíba**. João Pessoa, 09 set. 2013. <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2013/09/presidios-da-paraiba-reservam-alas-para-detentos-homossexuais.html>
Acesso em: 11 mar. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Porque as Notícias São Como São (Volume 1)**. 2.ed. Florianópolis: Editora Insular, 2005

TREVISAN, João. **Devassos no Paraíso - A Homossexualidade no Brasil, Colônia à Atualidade**. 4.ed. São Paulo: Objetiva, 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Roteiro de entrevistas realizadas com apenados declaradamente LGBTQIAP+ do Complexo Penitenciário do Serrotão, em 11 de maio de 2021.

EIXO 1: PERCEPÇÃO PESSOAL

1. Como você prefere ser chamado?
2. Qual sua idade e cidade natal?
3. Qual sua orientação sexual?
4. Como você se identifica: preto, branco, pardo ou amarelo?
5. Qual sua profissão e escolaridade?
6. Qual seu estado civil, atualmente?

EIXO 2: CONCEPÇÕES DA RELAÇÃO ENTRE MÍDIA, SEXUALIDADE, IDENTIDADE DE GÊNERO E REPRESENTATIVIDADE

1. Você tem lembrança de ter visto alguma matéria em algum jornal que trazia algum LGBT sendo preso?
2. Você pode falar como o LGBT foi retratado nessa matéria?
3. O que você acha do tipo de abordagem como esta que você acabou de falar?
4. Você acha que os LGBTs que estão presos, ou no momento de apreensão policial, são tratados de forma respeitosa pela mídia?
5. Você acha que a mídia tem um tratamento diferente com as pessoas LGBTs nas matérias policiais?
6. Você acha que apenados cisgêneros e heterossexuais que passaram por momentos de apreensão policial e que também são veiculados na mídia, tem o mesmo tratamento que vocês pelos jornais?
7. Por que você acha isso?
8. Você se sente representado pelas matérias que são veiculadas nos jornais sobre pessoas na sua situação atual?
9. O que você sente quando se depara com uma matéria que faz chacota com pessoas LGBTs que estão em momento de apreensão policial?

EIXO 3: IMPACTOS NA VIDA PESSOAL DOS ENCARCERADOS

1. Como você se sente com relação às matérias jornalísticas que tentam diminuir ou ridicularizar os LGBTs em situação de prisão ou apreensão?
2. Como você acha que é visto pela sociedade?

Agradecimentos

Quando eu era mais novo eu nunca imaginei que poderia entrar em uma graduação, ou até mesmo produzir algo científico. Sempre tive muito medo do mundo e de que eu nunca desse certo. Desde criança, me sentia inferiorizado por ser uma pessoa “diferente” e por não gostar das mesmas coisas que os meninos da minha idade gostavam.

Cresci com muito medo, em uma família pobre, mas que sempre foi rica de amor. Eu agradeço a minha avó Maria de Lourdes, por tudo que ela pode me proporcionar em vida, eu agradeço a minha mãe Joana, que sempre acreditou em mim. Agradeço, mesmo que timidamente, a mim mesmo, por não ter desistido ao longo do caminho.

Eu agradeço aos meus irmãos maternos, Andrey e Kiara, que sempre estiveram comigo, eu agradeço as minhas tias, em especial Ana Lúcia, que me apoio sempre. Agradeço aos meus primos. Eu agradeço a ausência do meu pai, que me fez ser livre. Eu agradeço aos livros que me refugiam do mundo, às vezes, tão cruel.

Agradeço aos meus amigos, que nunca duvidaram de mim. Agradeço aos meus professores que nunca desistiram de mim. Eu agradeço aos meus animais de estimação que, em alguns momentos, foram a única companhia possível.

Eu agradeço as minhas sobrinhas, Júlia e Nayara, por verem em mim um porto seguro, embora às vezes eu não mereça. Eu agradeço as paredes da minha casa pela irmandade e segurança.

Eu agradeço a você, que chegou ao fim da leitura deste trabalho e que de alguma forma me ouviu.

Muito Obrigado!